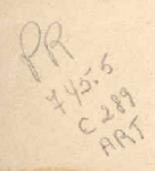
NEWTON CARNEIRO

AS ARTES E O ARTESANATO NO PARANÁ





Curitiba, 1955

ão obstante afirmar Southey que nas reduções jesuíticas de Santo Inácio e de Loreto "as igrejas eram maiores que as de Assunção e melhores os seus ornatos", não subsistiram amostras de um artesanato que se assemelhasse ao das admiráveis missões gaúchas.

O ímpeto demolidor das Bandeiras aliado à agressividade da floresta poupou apenas, e parcialmente, construções secundárias. O sertanista Elliot ao localizar a redução de Loreto, em 1852, conseguiu identificar "o desmoronamento dum grande templo, cujas paredes derrocadas deixavam imaginar seu tamanho". Essa e a matriz de Santo Inácio teriam sido desenhadas e construidas por Montoya, segundo Romario Martins.

Quando a redução de Guaíra foi localizada, em 1722, por moradores de Iguatemi êstes apenas encontraram, como atestado de atividade artístico-industrial, pedras lavradas "como para mós de moinhos" ao lado de telhas, algumas bem preservadas.

Incontestavelmente na cerâmica a atividade das reduções paranaenses foi de grande intensidade. Em Loreto encontrou-se um forno com capacidade para três mil peças. Alguns utensílios domésticos, embora monocrômicos, achados em Guaíra e Vila Rica revelam adiantado conhecimento e acentuada preocupação estética, como é o caso da bilha autropomorfa, existente na coleção Tiburtius.

A arte jesuítica foi, certamente, a primeira manifestação cultural de origem européia em território paranaense. Mas não exerceu influência sôbre a nossa formação estética, e há um hiato perfeito entre a tradição portuguesa que começa a constituir-se no litoral e no planalto, a partir do século XVII, e essa fase do breve e agitado período missionário.

Na época setecentista o relativo nomadismo, a falta de densidade nas concentrações humanas, a extrema rusticidade dêsse tempo do faiscamento, não propiciavam o surto de um artesanato no território paranaense, em contraste com o que ocorreu em outros agrupamentos ao longo da costa brasileira.

Mas, aos poucos, êsses fatores negativos se foram abrandando e obras de algum requinte foram sendo necessárias. Assim uma Igreja matriz — em Curitiba — que substituísse a velha ermida de taipa e coberta de sapé que existia na, hoje, praça Tiradentes. Foi incumbido da obra o mestre Lourenço de Andrade, e os trabalhos foram iniciados em 1714, contratados por duzentos e quinze mil reis... Seis anos depois já estaria em condições de receber a imagem de Nossa Senhora da Luz, padroeira da Vila, imagem que veio de Portugal e foi solenemente colocada em seu altar. A construção se fêz, em grande parte, de pau a pique, dada a carência de recursos, e em meiados do século já o seu mau estado causava preocupações.

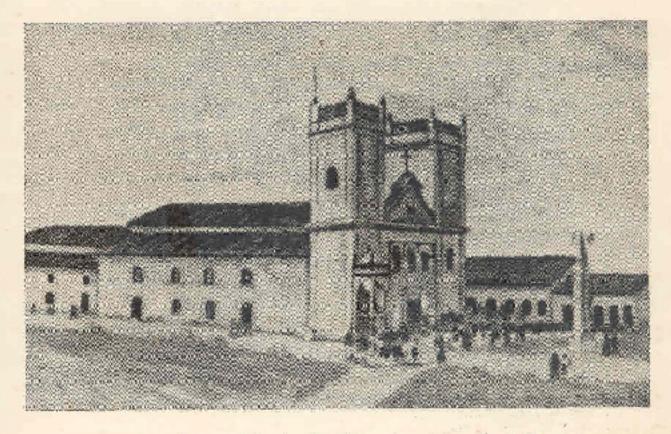
Foi decidido reedificá-la, tendo a Câmara contratado os serviços dos mestres Pedro de Souza Leal e Manoel Vieira, que puseram-se a trabalhar em 1758. Dêsse tempo são os altares laterais em talha dourada, trabalho português que despertou a admiração de Saint'Hilaire.

Da primeira metade do século dezoito são as poucas construções coloniais que possuímos. Em Cu-





Peças de cerâmica encontradas em Guaíra (Coleção Tiburtius)



A velha matriz de Curitiba, demolida em 1875

ritiba a igreja da Ordem, antiga capela de Nossa Senhora do Terço, construida por volta de 1720 mas que nada guardou exteriormente de suas características primitivas. É o edifício mais antigo da Capital, tendo sofrido várias restaurações, culminadas com a de 1877 feita sob a direção do arquiteto Afonso des Plas. Nessa ocasião foram encomendados, em Paris, os dois lustres de 42 luzes e a balaustrada de ferro que a igrejinha possui. Posteriormente lhe adicionaram a torre e transformaram seus janelões barrocos em janeletas ogivais!

No planalto foram elevadas igrejas na Lapa e no Tamanduá, ambas despidas de requintes artísticos, de vez que não tinhamos nem bons mestres nem recursos para mandar vir alfaias e decorações.

As condições econômicas do litoral permitiam iniciativas um pouco mais ousadas. A mão de obra era melhor, o contacto, o recebimento de materiais do reino, mais fácil. Os construtores eram portuguêses, como o Mestre João da Silva que empreitou a restauração da Matriz, em 1741.

De valor arquitetônico destacado talvez sòmente o Colégio dos Jesuitas, começado em 1740, segundo plantas remetidas de Portugal; e a fortaleza da Ilha do Mel, cuja construção foi pessoalmente dirigida por Afonso Botelho segundo se depreende da sua correspondência.

Mas artesãos que pudessem viver da sua obra criadora ou mesmo meramente manual, não os tivemos no Paraná colonial. As condições econômicas e sociais eram aqui bastante distintas das que prevaleciam nas cidades do Centro e do Norte do Brasil. A rusticidade e o permanente ilhamento da nossa gente, aliados à falta de um razoável alicerçamento econômico que justificasse a vinda de mestres, impediu a formação de escolas artesanais.

Daí, talvez, não terem as nossas construções antigas nenhuma característica especificamente regional. Nem os oratórios de esquina ou as bandeiras de porta de Ouro Prêto, nem os complementos de granito (ombreiras, vergas, soleiras e peitoris) tão comuns no Rio, os consolos de pedra das sacadas do Recife ou as grades de ferro do Maranhão.

A simplicidade e a pobreza causavam funda impressão aos viajantes. Referindo-se a Curitiba, observa Saint'Hilaire: "vi o interior das principais casas da cidade, e posso afirmar que em outras sedes de comarca ou mesmo de têrmos, não vira residências de gente destacada tão desprovidas de ornamentos. As paredes eram apenas caiadas de branco, e o mobiliário das saletas onde eu era recebido, consistia apenas em alguns bancos e uma mesa" (1).

Aliás o próprio mobiliário das sessões da Câmara, consistia apenas em simples tamboretes, mais tarde substituidos por cadeiras de palhinha...

Paranaguá parecera ao naturalista ter mais características de urbanismo, reflexo talvez da influência portuguêsa que vinha de mais de século e que se configurava especialmente nas iniciativas arquitetônicas. Assim mesmo, eram construções despretenciosas e pesadas. Os próprios mestres jesuitas, que tanto capricho denotaram em outras províncias do Brasil, aqui nos deixaram o Colégio de Paranaguá, que o sábio francês considerou "decididamente feio e desajeitado" e a igreja de Guaraqueçaba que tem cunho evidente de construção provisória e rústica.

⁽¹⁾ Saint'Hilaire — "Voyage dans l'interior du Brésil" — 4a. parte (São Paulo e S. Catarina) tomo 2.º — pg. 120.



O Colégio dos Jesuitas de Paranaguá e a respectiva igreja, segundo fotografia de 1890.



As últimas casas coloniais de Curitiba, à rua do Rosário.

A casa colonial paranaense, embora não tivesse maiores predicados estéticos, guardava como as demais construções lusobrasileiras as características de funcionalismo que tanto as personalizam. O telhado de ponto baixo, provido de uma curvatura que forçava as águas a se projetarem à distância protegendo as paredes; os muros espêssos, destinados a manterem confortante climatização; beirais avançados, como que oferecendo uma sombra semelhante à das árvores frondosas; as rótulas, a interceptarem não só a incidência solar como a visão dos interiores domésticos ,tudo contribuindo para que a casa fôsse um fator de equilíbrio a amainar os rigores estivais da vida litoreana.

As portadas eram de taboado simples, sem os almofadados espêssos com aplicações de talha, que se usou em outras regiões do Brasil e mesmo em São Paulo. As janelas tinham apenas o "escuro", muitas vêzes sem caixilhos.

Romário Martins, (1) sem identificar o autor, transcreve uma deliciosa relação de Curitiba, datada de 1834. "Nem calçamento, nem iluminação, nem vidraças (depois de contar que bois e cavalos costumavam comer sal no largo da matriz...). As janelas das melhores casas tinham postigos, algumas; rótulas raríssimas; os palacetes tinham empanadas, que eram um quadro de madeira coberto por pano de algodãozinho. Os casebres tinham à porta da entrada, à guisa de reposteiro, uma esteira pendente, de taquara. As casas não eram assoalhadas; as melhores tinham raras peças forradas. A mobília das boas salas consistia em uma mesa de pinho, bancos, tamboretes e uma cômoda enfeitada por uma bandeija pin-

^{(1) &}quot;Terra e Gente do Paraná", Curitiba 1944 - pg. 234.

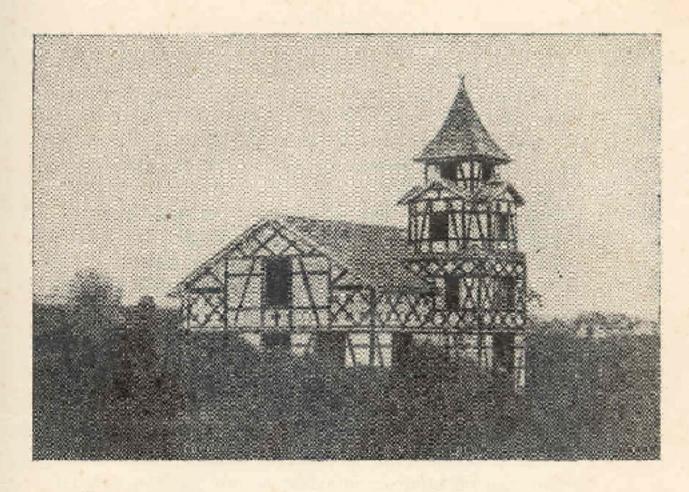
tada e dois castiçais de prata, com velas de vera, resguardadas por grandes mangas de vidro. A rêde era o lugar de honra".

Trinta anos mais tarde pouca diferenca fizera. segundo depoimento do major Cristiano Pletz, citado por Fugmann: (1) "Em 1865 era uma cidadezinha de pequeno comércio, casas baixas e afastadas umas das outras, janelas sem vidro e fechadas com tramelas de madeiras, ruas tortas, angulosas e sem calcamento, prejudicando o comércio e o trânsito do gado leiteiro, muito poucas tinham calçadas empedradas. Havia um único sobrado na rua Fechada. Carros de bois de duas rodas transportavam lenha e produtos, assim como carretões pesados, também de duas rodas, levavam materiais de construção. Diante dos armazens, burros de carga aguardavam a retomada do seu vai-vem habitual para Antonina, pelo caminho do Itupava. Estradas não se sabia ainda o que eram. Havia quatro igrejas: a Matriz, a do Rosário. a capelinha da ordem e a igreja de São Francisco; mas tôdas estavam em péssimo estado".

Tal era a Curitiba que iriam ver os primeiros imigrantes que demandaram o Paraná, e que aqui chegaram em 1829, fixando-se em Rio Negro. Embora êsses primeiros 247 alemães se destinassem ao Rio Grande, o Barão de Antonina conseguiu alterar-lhes o destino radicando-os em suas terras da 5.ª Comarca. Desembarcados em Antonina, subiram a serra e fizeram a viagem para o sul passando por Curitiba e Lapa. Pouco mais tarde, em 1833, viria novo contingente, desta vez constituido de renanos.

A colônia ficou, porém, completamente isolada e seus componentes só passaram a exercer certa influência sôbre o meio primitivo e rústico, depois de

⁽¹⁾ Fugmann (W.) — "Die Deutschen in Paraná" Curitiba, 1929.



A velha igreja alemã, demolida em 1892. Projeto e construção de Wieland.



Casa de colono alemão, em Rio Negro (cerca de 1860)

iniciar-se o deslocamento para a capital da Província. O primeiro que veio foi Michel Müller, que aqui se casa em 1833 e abre uma oficina de ferreiro. Logo depois, em 1835, requer à Câmara o aforamento de um terreno de 60 palmos de frente para a Rua das Flores.

Aos poucos vieram do sul outras famílias: Kraus, Ploetz, Pichete, Küster, Stresser, Schleder. Vem também Guilherme Mayer, o introdutor do centeio no Paraná. Pelas atas da Câmara verifica-se que, a partir de 1885, diversos colonos alemães obtêm concessão de terrenos urbanos em nossa cidade.

O artesanato de Curitiba, segundo Daniel Pedro Müller, (citado por Saint'Hilaire) se compunha de um marceneiro, onze carpinteiros, oito serralheiros, dois seleiros, oito ourives, cinco oleiros, um pedreiro, dez alfaiates e doze sapateiros. Surpreende-se Saint-Hilaire por ver um só pedreiro ao lado de onze carpinteiros e tantos oficiais de outros ofícios, e logo explica que certamente eram os escravos que faziam essas tarefas mais pesadas.

Havia, porém, efetiva carência de bons profissionais na arte de construir, tanto que em 1839 a Câmara Municipal de Curitiba oficía ao Presidente da Província, Venâncio José Lisboa, solicitando fôssem postos à sua disposição quatro alemães que trabalhavam em construção de estradas, por "serem êstes pedreiros de profissão e haver aqui falta de tais artistas" (sic). E cita-lhes os nomes: Jacó Leifeil, André Miguel, Guilherme Fulman e Pedro Selle.

Em 1851 é fundada a Colônia de Joinville, que viria a ser poucos anos mais tarde, a generosa fornecedora de elemento humano europeu para o Paraná, e muito especialmente para Curitiba. É que entre os imigrantes havia poucos lavradores — apenas a quarta parte dêles, segundo La Hure ("L'Empire du Brésil". Paris — 1862) — e a maioria dos artesãos

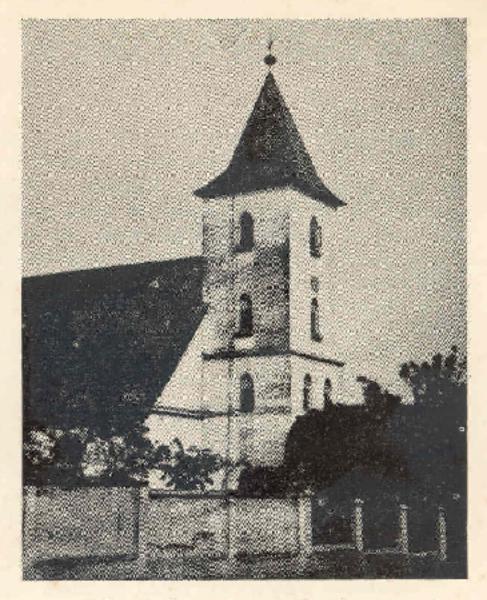
não tinha como exercitar sua habilitação profissional no ambiente pioneiro do vale do Itajaí. Aqui, a instalação do novo Govêrno Provincial, e as obras programadas pelos Presidentes Zacarias, Beaurepaire e Pádua Fleury haviam transtornado a habitual pacatez do planalto. Os novos serviços exigiam novas casas, as casas exigiam mobiliário, com o mobiliário os trens, as alfaias e o corolário de novas necessidades e novos problemas.

Os imigrantes se aperceberam ràpidamente que aqui encontrariam enormes possibilidades. Além disso, impressionava-os sobremaneira a brandura do clima, os capões de pinheiros a lembrarem vagamente os bosques de coniferas da Boemia e do Tyrol, e os campos acolhedores e intermináveis a desafiarem a tendência inata ao pastoreio que os centro-europeus levam consigo.

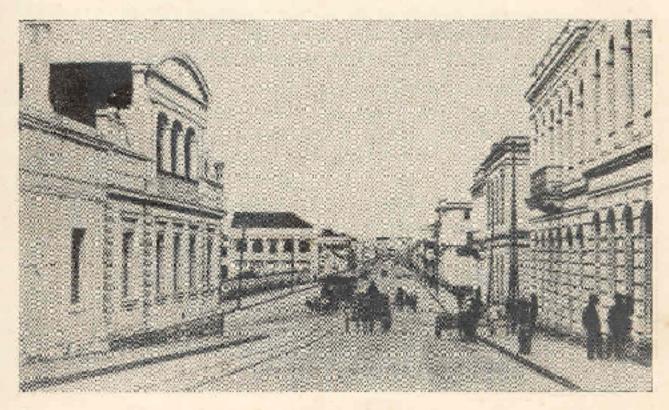
É o que nos dizem, autorizadamente, José e Francisco Keller em 1866: "A colônia Dona Francisca, não oferecendo a seus habitantes os mesmos clima e gênero de agricultura de que usavam na mãe-pátria, teve de ver-se, no último decênio, desfalcada de talvez 50 famílias; as quais, atraídas pela salubridade e pelo clima de uma região onde podiam aplicar o sistema de lavoura que sabiam; pela facilidade de obter terras a módico fôro e pela possibilidade de empregarem o tempo vago em obras públicas, procuram as cercanias de Curitiba".

Aos primeiros colonos que subiram a serra seguiram-se outros e outros, estabelecendo-se uma densa corrente humana, que se manteria por mais de vinte anos!

O grande recenseamento de 1872 revelou a existência de mais de mil alemães em Curitiba, isto é, quase um quinto da nossa população total! Em todo o município havia 1.384 estrangeiros, dos quais ...



A Igreja Protestante de Rio Negro



Aspéto da antiga rua da Liberdade, hoje Barão do Rio Branco (Fotografia de 1897)

1.154 eram alemães, 176 tinham nacionalidades diversas e 54 eram portugueses.

Inevitàvelmente o impacto produzido pela entrada dessa nova população, determinaria sensíveis alterações em nosso meio rotineiro e abastardado. No setor estético as influências são decisivas e imediatas, manifestando-se — de pronto — uma alteração fundamental na orientação artística da nossa gente, com o abandono do empirismo que prevalecera desde o comêço da nossa formação.

Curitiba se transforma, e se transforma quase que instantaneamente. O engenheiro Bigg-Wither, (1) membro da missão Palm, registra em seu preciso e detalhado depoimento escrito em 1873, que, depois de quatorze meses, mal reconhecia a cidade. "A direita e à esquerda da nova estrada para a Palmeira extensas filas de casas haviam surgido, onde antes havia só campo. À direita estava sendo levantado um enorme edifício, mais à maneira de um hotel londrino do que qualquer outro que eu vira mesmo no Rio. Por todo lado evidentes sinais de progresso. O elemento germânico parecia se ter multiplicado extraordinàriamente no lugar, de tal sorte que os olhos negros e a pele morena dos meus dois guias brasileiros pareciam desambientados na Capital".

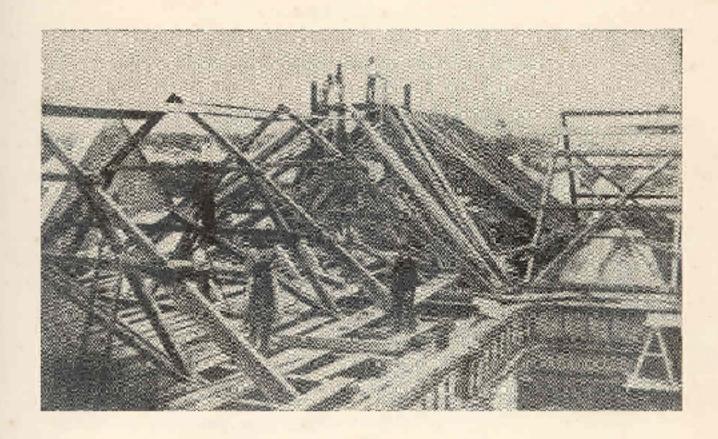
Até os odores, o cheiro da cidade tinha mudado, segundo Nestor Vitor. Todos os viajantes se mostraram fundamente impressionados com a transformação. Segundo o jornalista Alfredo Marc ("Le Brésil" — Paris — 1888): "De uns quinze anos para cá é o gôsto alemão que predomina na arquitetura das casas. É à presença do imigrante que Curitiba deve o seu desenvolvimento constante, seu caráter, sua fisionomia tão moderna; nêles repousará o futuro da Provincia".

T. P. Bigg-Wither "Pioneering in South Brazil" Londres 1878.

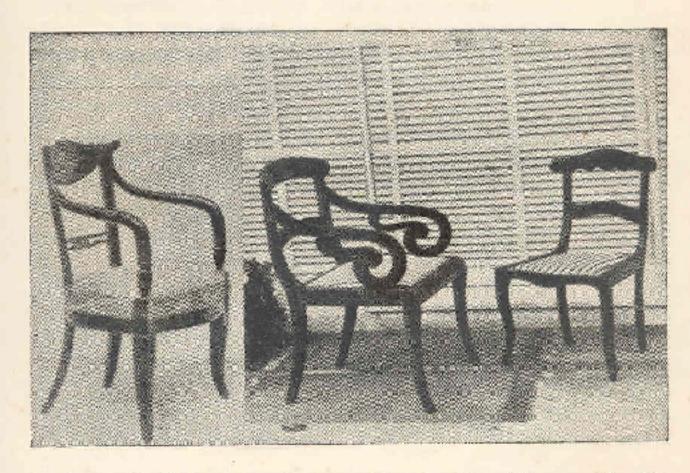
Esse modernismo a que se refere o cronista nada mais é do que a ambientação européia que predominou em nosso meio, contrastando com o colonialismo que imperava nas outras cidades brasileiras. Fenômeno estético semelhante não ocorreu em nenhum outro centro do país, e se traduz inclusive — por uma série de modificações visíveis. Os beirais alongados desaparecem, dando lugar às casas de frontão alto. As telhas goivas, são substituidas pelas telhas de escama até que as "marselhesas" passem a imperar, já no comêço do nosso século. As paredes de taipa ou de adobe, dão lugar aos tijolos pequenos não raro sem revestimento de argamassa e com a estrutura de madeira à mostra. As portas e janelas perdem a nudez e a pobreza que as caracterizavam, e se enchem de motivos ornamentais inspirados no gôsto Biedermayer tão divulgado na Alemanha do princípio do século. O ângulo dos telhados se fecha consideravelmente, como à espera de uma neve nostálgica que não chega . . .

E a transformação se opera em quase tôdas as facetas da atividade local. Os pesados carretões de duas rodas citados pelo Major Pletz, dão lugar às carroças centro-européias tiradas por uma ou duas parelhas de cavalos, veículos que a oficina do velho Buddelmayer passara a construir, aqui mesmo. Mais tarde os poloneses e austríacos lhes agregariam o típico toldão recurvado, verdadeiro privilégio da nossa paisagem rural e que até hoje é notado. A êsse ferreiro-mecânico devemos o primeiro arado forjado em terras paranaenses.

Os quintais se enchem de flores e hortaliças, de vez que na fruticultura já nos europeizaramos por fôrça dos rigores hibernais, conforme já Saint'Hilaire observara. A própria pecuária recebe grandes incentivos, conforme reconhece expressamente José



A armação do telhado da Catedral, vendo-se o engenheiro Wieland no primeiro plano (trajado de preto).



Cadeira estilo Biedermeyer (à esquerda) e cadeiras feitas em Curitiba, por volta de 1860.

Ferreira de Barros ("Almanaque da Província" — 1877).

A tradição ibérica do presépio, no Natal, cede lugar ao pinheirinho estrelado, e os Reis Magos têm o seu culto preterido pelo prestígio crescente do São Nicolau, de origem holandesa.

A própria dieta se modifica, com a inclusão do pão negro, do mel, das salsichas, das compotas, que os néo-paranaenses revelaram ao Brasil. É o que confirma o Pastor Borchard que aqui estêve, vindo do Rio Grande, em 1872: "Nas pequenas quintas de camponeses da Pomerânia, ao redor de Curitiba, encontrei lavouras de trigo, centeio e cevada. Aí — pela primeira vez no Brasil — tive oportunidade de saborear legítimo pão prêto alemão".

O uso da cerveja se difundira tanto que o velho José Wolf se decidira — em 1858 — a fundar a nossa primeira cervejaria, que ficava para os lados do atual cemitério Municipal. Nesse mesmo ano, os colonos João Pletz, Guilherme Meyer, Chophia e Habstichel montam um moinho de trigo financiados pelo govêrno Provincial, que lhes concedeu um empréstimo de dois contos de réis...

Curioso é que a decadência, a desorientação estética que ocorreria em quase tôdas as cidades brasileiras na segunda metade do século dezenove, sob a influência da arte Vitoriana e do "Art Nouveau" só atingiu Curitiba alguns decênios mais tarde. Ficámos como que protegidos pelo artesanato imigrante, que só se vai abastardando mais tarde no entrechoque com a diversidade de tendências resultantes da vinda de outras correntes imigratórias. Os efeitos negativos só seriam aqui sentidos no comêço do nosso século, ao contrário do que ocorreu no Rio, em São Paulo e outros centros, como tão bem e autorizadamente o afirma Ricardo Severo. (1)

Ricardo Severo — "A Arte Tradicional no Brasil" in "Conferências", São Paulo, 1916.

Seria injusto que não registrassemos os nomes de alguns dos artífices, humildes e modestos uns outros destacadamente credenciados, mas todos trazendo uma contribuição decisiva para o apuramento do nosso gôsto.

Comecemos pelo engenheiro Carlos Wieland, que veio para a Província contratado para dirigir a Colônia do Assunguí, à cuja frente permaneceu durante três anos. Sua atividade na administração rural ficou assinalada pela construção dos primeiros silos que o Paraná teve. As iniciativas rodoviárias passando a monopolizar as atenções políticas, dados os acontecimentos militares, é Wiegand requisitado para prestar serviços na construção da estrada da Graciosa, sob Monteiro Tourinho.

Tão logo volta a Curitiba, passa a dedicar-se à arquitetura. É de sua autoria a planta do Mercado Novo, que foi inaugurado a 28 de setembro de 1874 prestando serviços à nossa população até 1912, quando foi demolido para dar lugar ao atual Paço Municipal. Projetou e construiu a primeira igreja protestante de Curitiba, magnífica sob o aspecto arquitetônico mas de efêmera duração, de vez que foi tôda feita de pinho. Teve que ser demolida em 1892, edificando-se em seu lugar o atual templo da rua Trajano Reis, projetado pelo arquiteto Carlos Schaumann.

Wieland levantou também a primeira olaria movida a água que tivemos, projetou obras e prédios para cidades do interior e ainda prestou serviços na construção da estrada de ferro Curitiba-Paranaguá.

Na construção da nossa Catedral é que se vai fazer sentir de forma mais evidente a decisiva influência do novo artesanato.

A antiga matriz setecentista parecia ao povo da capital, agora emancipado, excessivamente modesta e despretenciosa. Decidiu-se, pois, acrescentar-lhe duas torres laterais, cuja construção foi iniciada em 1860. Estavam elas a meia altura, quando são constatadas fendas alarmantes no frontespício da antiga igreja.

Diversos construtores e engenheiros se empenharam na vă tarefa de consolidar a veneranda matriz cuja estabilidade tanto alarme vinha causando. Finalmente a 30 de novembro de 1875 a Câmara Municipal de Curitiba toma a resolução de interpelar enèrgicamente o Presidente Lamenha Lins para que se saísse do impasse: ou reparação urgente ou demolição. O Presidente incumbe imediatamente os engenheiros Antônio Rebouças e Paulo de Freitas de vistoriarem o edifício, e êstes opinam pela demolição, que é iniciada incontinenti (21 de dezembro de 1875).

Tôdas as atenções se voltam para o novo templo. Sua pedra fundamental é lançada a 15 de fevereiro de 1876, antes mesmo de se saber como seria e quanto iria custar. Lamenha Lins convida o engenheiro Chalréo Junior para fazer projeto e orçamento, enquanto a comissão incumbida das obras estuda as formas de angariar fundos. Em agôsto o arquiteto apresenta os planos, que são considerados inaceitáveis, pois o orçamento respectivo excede de muito a previsão, subindo a 379 contos!...

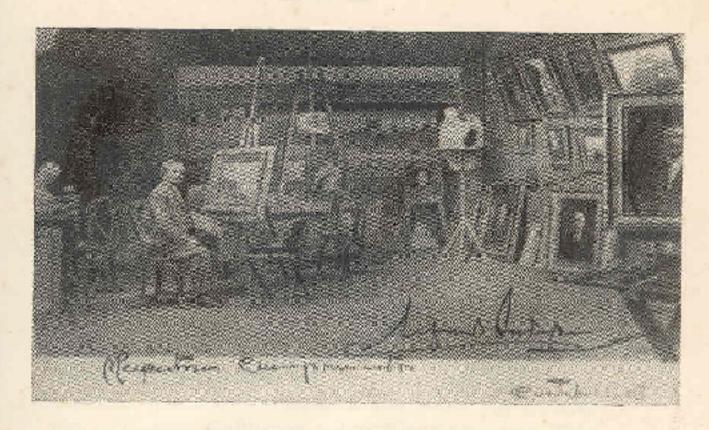
Preocupa-se a Comissão em obter novo projeto, de proporções mais modestas e condizentes com a disponibilidade de recursos. Incumbe-se dos desenhos o engenheiro Pucci, residente em S. Paulo, e sua planta é aprovada — entre outras razões — porque reduz o orçamento a 180 contos!...

Ao mesmo tempo em que se prosseguia na demolição da matriz colonial, que só é terminada quatro anos mais tarde com a utilização de suas pedras no calçamento de ruas curitibanas, começa-se a edificação da catedral gótica. O local é afastado de alguns metros ficando entre as ruas Fechada e do Atlântico, para o que fez-se necessária a desapropriação de duas casas, por seis contos e quinhentos...

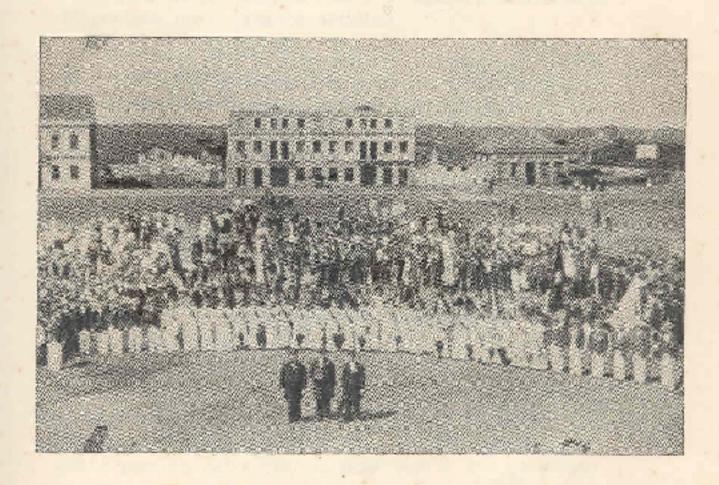
Dirigem as obras sucessivamente os engenheiros Pao Brasil, João Lazzarini e Moreira de Freitas, sofrendo o projeto original diversas modificações em que intervieram o Presidente Taunay e o arquiteto Afonso des Plas. O mestre de obras era Carlos Augusto Warnecke.

Terminado o levantamento das paredes — depois de diversas interrupções — e quando se iniciava a montagem do vigamento, aparecem umas rachaduras de caráter alarmante. Carlos Wieland é convidado pelo Padre Alberto Gonçalves, que presidia a Comissão das Obras, para vistoriar e emitir parecer sôbre o caso. Toma a iniciativa de refazer o arcabouço da cobertura, estabilizando as paredes mediante engenhosa amarração em que empregou várias toneladas de ferro. Nesse trabalho foi secundado pelo mestre Henrique Henning, a quem o Barão do Serro Azul — membro da Comissão de Obras — fêz doação de um terreno como prêmio da sua habilidade, recompensa que custaria a vida do operoso pedreiro, quando da Revolução de 1894.

Os serviços de serralheria na Catedral foram executados por Augusto Gerhard. Dos seus três sinos, dois vieram da Itália e o terceiro foi fundido em Curitiba nas incipientes oficinas de Muller & Filhos, hoje uma das maiores indústrias do Estado. Na cantaria trabalharam Bussmann e depois Dietrich. A ornamentação em gesso foi feita por Carlos Huebel e as pinturas por Frederico Einsiedel. Foi ainda um hamburguês, cujo nome se perdeu, o autor das esferas de cobre e da defesa contra raios que protege os torreões.



O atelier de Alfredo Andersen, em 1906.



Grupo de cantores alemães, fotografados na praça Eufrasio Correia em 1890.

Seria injusto que não se fizesse menção, também, ao arquiteto Rodolfo Lange, que tantas obras notáveis levantou em nossa Capital, e destacadamente o edifício do Clube Concórdia, construído em 1885. Por êsse projeto recebeu como honorários quarenta mil réis, e o terreno onde se edificou a grande obra custou à sociedade Rs. 1:350\$000...

Nas pequenas atividades artesanais prevalece, igualmente, o elemento imigrante. Veja-se a relação de concorrentes à Exposição Provincial de 1866, segundo catálogo elaborado pelo Doutor Muricy. Aí figuram peças de mobiliário, talvez exemplares "pés de cachimbo" feitos em cabiúna, expostos por Guilherme Erbert, outros por Maurício Shwarts e por Gottlieb Wieland. Figuram ainda Alois Groetzner, Franz Weizer, Guilherme e Luiz Gaertner, José Brenner e Augusto Zabatz. Trinta anos antes só havia um marcineiro em tôda Curitiba, agora concorrem à Exposição nove exímios artistas.

Figuram ainda, com grande destaque, as peças de serralheria expostas por Julio Langer. As rendas e os crochets da senhora Carlota Stellfeld e uma magnifica cabeça apresentada pelo Sr. Krummfinger, primor em obra de talha e que inspirou unânimes louvores. Ai estavam também amostras da arte fotográfica de Frederico Mercer, que foi o procursor de Volk.

Passemos, agora, ràpidamente pelo setor pictórico.

É fácil de compreender-se por que não poderá ter havido pintura no Paraná antigo. A grande arte requer, imprescindivelmente, para que possa florescer e traduzir-se em realizações de fato expressivas e valiosas, fatores ambientes que nos faltavam. A exceção do exílio casual de um ou outro artista, que pinta porque sabe pintar, mas que é um elemento exótico no cenário primitivo da nossa vida provinciana, e que — por êsse motivo — não faz escola nem influi no sentimento estético da população indiferente, só pode confirmar essa regra.

No Paraná de há um século viviam alguns amadores que pintavam. Virmond, o prussiano erudito que se radicou na Lapa, foi dêles - sem dúvida o mais credenciado. Desenhava bem, deixou lindas miniaturas, mas a arte lhe era um diletantismo que apenas com a família e os íntimos amigos repartia. Jessica James, a emigrada política que a guerra de secessão americana jogou em Paranaguá, já não tinha os mesmos conhecimentos acadêmicos, mas foi ter a um meio mais amadurecido, a uma sociedade que recebia pressurosa reflexos do maneirismo da Côrte, e a sua arte floresceu produzindo a personalidade curiosa de Iria Cândida Correia. A ela devemos a iconografia que se conhece dos figurões e das damas da antiga Paranaguá, que se sentiu espoliada com a fixação da Capital no planalto.

Elliot, o malogrado sertanista que nos legou as vistas aquareladas da velha Curitiba; Peuckert, nosso primeiro retratista; e mais Kammerer, Hübenthal e outros, continuam manifestações pessoais brotadas em solo ainda impermeável. Ocorre, então, o prodígio da transformação do nosso meio, a impor necessidades novas e imprevisíveis. Daí o sucesso do português Mariano de Lima, ao fundar em 1877 a "Escola de Artes e Indústrias" do Paraná.

A imigração, as vias de contacto, a emancipação política tinham gerado uma sociedade nova, sociedade que permitira a Mariano de Lima formar uma escola de arte com corpo docente de 21 professôres!

Estava, pois, preparado o terreno para o fenômeno Andersen, que também não tem paralelo em toto o Brasil. Um artista de fora, totalmente estranho ao meio americano, aqui aporta num momento em que econômicamente ainda nada prometiamos, e realiza a façanha de criar a Escola Paranaense de Pintura. O valor do grande nórdico está em perfeito paralelo com o de Weingartner, com o de Rosalvo Ribeiro, com o de Telles Junior, com o de Antônio Parreiras, todos seus contemporâneos. A cada um dêles deve o Brasil e os seus respectivos Estados um acervo individual notável de criações pictóricas. Mas Andersen não legou apenas a preciosidade estética e documental de suas telas, coordenou os anceios locais de amelhoramento e de cultura, os quais soube interpretar com precisão e fidelidade, construindo o lastro artístico que estamos hoje desfrutando.

Na pintura paranaense pode-se estabelecer nitidamente duas fases: "pre" e "post" Andersen.

No fim do século quase tôdas as artes tinham encontrado ambientação entre nós. À escola de Mariano de Lima devemos nossa iniciação na modelagem, aprendizado que revelou Turim e Zaco Paraná. Tinhamos litógrafos hábeis; e na arte do mobiliário herdámos dos mestres imigrantes um artesanato numeroso que permitiu o estabelecimento de uma grande indústria, talvez hoje a primeira no Brasil.

A cultura musical se desenvolvera consideràvelmente, em grande parte devido às sociedades organizadas por alemães e italianos. Abriram-se casas especializadas em instrumentos, evidência de que já havia clientela para êsse caprichoso comércio. Finalmente, pouco mais de meio século depois de galgar o planalto — a lombo de burro — o primeiro piano que aqui se viu, importado por Virmond, Floriano Essenfelder funda a primeira fábrica de pianos da América Latina, marco expressivo e consagrador das conquistas artístico-sociais do Paraná.